
PREFÁCIO

Prefaciara obra de tal envergadura e coragem, que analisa concomitantemente o tema das mortes e dos lutos, possíveis e impossíveis, advindos da pandemia do coronavírus, exige o mesmo voto de coragem por quem a lê. Em um período absurdamente atípico e profundamente avassalador, a experiência de invenção de um novo modo de viver desvelou, ao mesmo tempo em que escreveu, as faces daquilo que não tem nome, a morte.

A restrição de trocas, simbólicas e efetivas, levou o mundo para a esfera virtual, o que por sua vez desnudou a desigualdade e a violência das ruas. No mesmo período em que o mundo conheceu a morte de milhões, o negacionismo se mostrou tão poderoso quanto as *fake news*, deixando à vista o que resta de inumano nas defesas, recuos e irresponsabilidades no nível político. Esta obra elevou à dignidade da *res publica* essa reflexão sobre a morte em massa e tenta avançar para pensar as desigualdades sociais.

A esfera íntima e seu luto necessário pelos corpos sem vida, num momento em que os ritos fúnebres são interditados por questões de saúde pública, se mesclam à exigência de promover atos simbólicos, na vida pública, de escrita de tantas vidas perdidas. A invenção de novos meios e suportes para elaboração do luto caminha ao lado da importância das narrativas virtuais que, pouco a pouco, substituem aquelas do convívio social. O espaço virtual,

em cena em diferentes artigos do livro, mostra, assim, sua dupla inscrição como meio de profusão de desinformação e meio possível de laço.

Esta tocante obra, no entanto, vai além da dimensão política e virtual, perscrutando, filosoficamente, o sentido da técnica e suas inflexões sobre a vida e a morte desde os primórdios da modernidade. Além disso, ela aprofunda elementos de análise que permitem ler, codificando o que não se traduz, o modo como o trauma pode ser tratado. O trauma é elemento-chave de diferentes capítulos, de maneira a expor a estrutura inconsciente do real da pandemia.

Em Freud, esse elemento diz respeito a uma intensidade que atravessa a capacidade de representação do aparelho psíquico. A evocação dele atua como corpo estranho para o sujeito, na medida em que corresponde a experiências que não foram suficientemente inscritas e elaboradas, mas permanecem como afeto e entram em associação com outras representações inconscientes no complexo que as contradizem. São lembranças inadmissíveis à consciência pelo grau de intensidade que possuem e, por isso, promovem modos intensos de defesa, atualizados e repetidos na tentativa de enfrentá-las.

Essa dimensão da repetição que encontra nas palavras uma via de se atualizar, de ser reencenada, foi denominada por Lacan de *automaton*. Ela diz respeito ao trauma como dimensão real que perfura o sistema simbólico. Há, porém, uma dimensão real no próprio sistema simbólico, *tyché*, que insiste e reitera o vazio de significação. Assim, *automaton* e *tyché* são como direito e avesso, positivo e negativo, em uma relação de continuidade, a partir do que não se escreve. Daí se erigem suas defesas. Um belo capítulo traz essa teorização.

Problematiza-se, então, a negação da realidade do vírus. Como se torna possível deixar propositadamente à morte por asfixia, sem ar, um homem negro numa batida policial – “*I can't breathe*” –, quando milhões de corpos sofrem por não conseguir respirar? De que sorte de humanização o mundo está a testemunhar o seu recrudescimento?

Quase a forma
não escrita
A voz
disposta na calçada e esquecida
Vida pra quem respira nos intervalos.

(JOSOALDO LIMA REGO)

A obra traz a realidade do luto e da morte na *internet*, na figura dos internautas, e também nos hospitais e em profissionais de saúde cuja ambivalência é encarnada no anúncio da recuperação da vida ou da assunção da morte. O encontro com essa realidade concreta das mortes em massa produz consequências e efeitos na constituição dos modos específicos de sofrimento que o real da pandemia impõe face ao modo como cada sujeito a enfrenta. Aqui, as dimensões material, econômica, de gênero e de raça fazem um recorte preciso no desenho e nas estatísticas desses óbitos.

A angústia, afeto que não engana, irrompe escancarando a posição de objeto em que todos se encontram, de maneira desigual, face ao que nem a ciência e nem o capital conseguiram deter: o avanço da morte nos corpos deteriorados pela covid-19. Como reagir frente ao que nos nocauteia?

1.

não sentir medo
nem andar com pessoas que sentem medo

2.

não subir a serra
para respirar ar puro lutar por ar puro
na cidade em que se mora

3.

não invejar

o voo dos pássaros o sono das plantas a luz do sol
brilhar no escuro do apartamento.

(ANDRÉ DAHMER)

À tarefa de reinventar o luto em tempos de pandemia alia-se a de se reinaugurar outros modos de viver na contingência imposta. Lógicas solidárias insistem em inscrever o Um solitário do gozo de cada sujeito numa plataforma que inclui o Outro não algoritmizável, mas... amigável? Foucault chama de amizade os modos criativos de resistência ao biopoder.

Como cunhar modos subjetivo-políticos para enfrentar o *necropoder*, tão densamente analisado em outro capítulo? Deixar morrer não pode mais ser o estilo de governabilidade dos corpos... Quando vivenciada na perspectiva da ética do cuidado de si, a amizade seria capaz de suscitar mudanças nas relações de poder, tornando as pessoas mais livres e menos governadas. Essa foi uma aposta que, entretanto, desconsiderava os modos de satisfação e de gozo que governavam, de dentro, cada corpo.

Por isso, não é na perspectiva da ética do cuidado que testemunhamos o advento do *neossujeito*, como definiram Dardot e Laval. Competitivo, agressivo e empresa de si mesmo, o sujeito neoliberal tem como resposta o imperativo de tudo gozar, às expensas do outro. Teria a pandemia do coronavírus o poder paradigmático e inflexivo de subverter essa lógica? Saberemos produzir um novo nome ao real de nosso tempo e, com ele, fundar um novo modo de laço?

lição de árvores

continuar envergando a haste em direção ao sol

(ANA ESTAREGUI)

O livro, enfim, desperta o desejo de saber-fazer com o real de nossa época. Qual mundo vamos reescrever? Qual vida desejamos viver? Qual *natureza* e *cultura* podemos refundar? Qual lugar construiremos para a relação com a alteridade? É um misto de afetos que se mobilizam com essa leitura impressionante. Ela nos desloca positivamente e coloca em marcha caminhos inauditos!

A lucidez que o vírus impôs é tão desveladora quanto o desejo de um novo mundo por ele mobilizado. Testemunhar as amarras econômicas, políticas e jurídicas, mas sobremaneira subjetivas de nosso tempo, é seu saldo. Positivo ou negativo, falso-positivo ou falso-negativo, uma coisa é fato: já sabemos desse real, e negá-lo não impede seu avanço.

Então, cara leitora, caro leitor, carece arregaçar as mangas, escolher o mundo que você deseja fundar e trabalhar em sua construção... E isso não é tarefa para um dia apenas! Mas lembre-se: você não está só. Reunir as boas e os bons parceiros é sempre motivo de alegria. Requer encontrá-los: alegria e boas parcerias, a começar pela que nos oferece esta intensa obra!

a crina do cavalo mágico faz girar o carrossel
da menina
pego carona

por alguma mínima esperança
de mundo.

(CAROLINA MACHADO)¹

Nova Lima, 31 de dezembro de 2020.

Na expectativa de um novo ano.

ANDRÉA M. C. GUERRA²

1 As poesias foram retiradas do livro *Uma pausa na luta*, organizado por Manoel Ricardo de Lima e lançado em 2020, durante a pandemia da covid-19, pela Editora Mórula, acessível em <https://morula.com.br/produto/uma-pausa-na-luta/>.

2 Psicanalista. Professora associada da UFMG e pesquisadora com bolsa de produtividade do CNPq. Coordenadora do Núcleo de Pesquisa Psicanálise e Laço Social no Contemporâneo (SILACS) da UFMG. Mestre em psicologia social pela UFMG e doutora em teoria psicanalítica pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), com estudos aprofundados em Rennes II (França). E-mail: andreamcguerra@gmail.com.